

Entrevista

Fernanda Freitas - Presidente Nacional do Ano Europeu do Voluntariado
Projectos de Médicos do Mundo





PROJECTO HUMA

Health for Undocument
Migrants and Asylum seekers

WWW.HUMA-NETWORK.ORG

ORGANIZADORES



PATROCINADORES



04 Editorial

05 Testemunho

Uma Fuga ao Individualismo

06 Entrevista

Fernanda Freitas

08 Entrevista

António Gentil Martins

10 Actualidade

Acção de Médicos do Mundo (MdM) – Projectos Nacionais

12 Actualidade

Acção de MdM– Projectos Internacionais

14 Responsabilidade Social e Comércio Justo

15 Voluntariado

Testemunhos MdM

16 Voluntariado

Testemunhos de Figuras Públicas

17 O perfil do voluntário doador de MdM/Consciência Colectiva

Z



Projecto Sementes

Fabrice Demoulin

QUEM SOMOS

Médicos do Mundo é uma Organização Não Governamental (ONG) de ajuda humanitária e cooperação para o desenvolvimento, sem filiação partidária ou religiosa. O trabalho de MdM assenta no direito fundamental de todos os seres humanos terem acesso a cuidados de saúde, independentemente da sua nacionalidade, religião, ideologia, raça ou possibilidades financeiras.

EDIÇÃO E SEDE

Médicos do Mundo, Av. de Ceuta (Sul), Lote 4, Loja 1
1300-125 Lisboa

CONTACTO GERAL

Telefone: 213 619 520 Fax: 21 361 95 29

E-mail: mdmp-lisboa@medicosdomundo.pt

Website: www.medicosdomundo.pt

APOIO AO DOADOR

Telefone: 808 234 020

E-mail: doadores@medicosdomundo.pt

REPRESENTAÇÃO DO PORTO

Rua dos Mercadores, 140 - 1º e 3º - S. Nicolau
4050-354 S. Nicolau - Porto

Telefone 229 039 064

Fax 229 039 066

E-mail: mdmp-porto@medicosdomundo.pt

REPRESENTAÇÃO DE LISBOA

Rua Almirante Sarmento Rodrigues,
Lote 9, Piso 0, Loja Esquerda

1900-269 Lisboa

Telefone: 218 462 002

REPRESENTAÇÃO DE ÉVORA

Largo Mário Chicó, n.º 7

7000-802 Évora

Telefone: 266 761 547

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Departamento de Comunicação, Marketing e Captação
de Fundos (DCMCF)

Rosa Pereira - rosapereira@medicosdomundo.pt

EDITOR

Paulo dos Santos e Silva - paulo.silva@medicosdomundo.pt

REVISÃO

DCMCF e Florbela Cordeiro

florbela.cordeiro@medicosdomundo.pt

REDACÇÃO

DCMCF, Equipa e Voluntários MdM

FOTOGRAFIA

Arquivo MdM, Fabrice Demoulin, João Pedro Marnoto

FOTOGRAFIA DE CAPA

Susana Oliveira

LAYOUT

Zinc Publicidade & Comunicação

PAGINAÇÃO

Zinc Publicidade & Comunicação

IMPRESSÃO

Lidergraf Artes Gráficas, SA

Depósito Legal 326890/11

NOTA DE REDACÇÃO

Todos os conteúdos patentes na Revista FACE
apresentam uma versão mais desenvolvida em:

www.medicosdomundo.pt



Sê Voluntário, Faz a diferença!

Abílio Antunes,
Presidente de Médicos do Mundo

EDITORIAL

Devemos entender o voluntariado como o conjunto de acções de interesse social e comunitário em que toda a actividade desempenhada sem qualquer remuneração ou lucro reverte a favor do serviço e do projecto em que o voluntário está envolvido. A actividade voluntária tem, no centro dos seus interesses, o bem do outro. O sujeito é voluntário para ajudar as pessoas, torná-las mais autónomas, reduzir as disparidades sociais, dar o seu contributo como membro da sociedade, o que pressupõe, para além duma disponibilidade interna, um compromisso com a causa social.

A mola propulsora da actividade voluntária solidária é o reconhecimento do outro como um ser humano igual a cada um de nós e, como tal, digno. A solidariedade é um valor do ser humano que precisa de ser aprendido. Sendo a prestação de cuidados globais de saúde o pilar de acção de Médicos do Mundo, a colaboração de voluntários, que não têm necessariamente de possuir formação na área da saúde, é uma franca mais-valia no que respeita à prossecução dos objectivos da organização. É graças a este tipo de trabalho que muitas acções da sociedade organizada têm suprido o fraco investimento ou a falta de investimento governamental na Saúde, no apoio domiciliário aos mais idosos e doentes, às pessoas sem-abrigo, aos tóxicos dependentes, na educação, no lazer, etc. O trabalho voluntário tem sido, sem dúvida, um importante factor de crescimento das organizações não-governamentais.

O voluntariado nunca deve ser encarado como uma forma simplista de preencher o tempo livre, nem tampouco integrar um grupo de amigos para preencher as horas vagas. Não é um meio para a purificação espiritual ou expressão de caridade cristã, com o objectivo de alcançar o céu como recompensa das boas acções realizadas. Não deve ser um processo oportunista de angariar emprego, como não deve ser uma tentação, para as entidades onde prestam voluntariado, de obter mão-de-obra gratuita que consiga suprir a falta de trabalhadores para a sua actividade normal. Muito menos como atitude de fazer proselitismo ou intervenção política.

"No fundo, ser voluntário de Médicos do Mundo é:
- Não ser indiferente perante a violação dos direitos humanos;
- Não aceitar que a dor, a miséria e os sofrimentos sejam uma consequência irremediável do rumo do Mundo;
- Reconhecer a dignidade dos que sofrem e o seu direito de atenção social;
- Reivindicar o direito de assistência em situações de extrema urgência, guerras, campos de refugiados, catástrofes naturais, conflitos étnicos e outros;
- Acreditar que o acesso a cuidados de saúde é um direito de todos os seres humanos".

(Presidente de Médicos do Mundo)

O Conselho da União Europeia, através da Decisão nº 2010/17/CE de 27/11/09, institui o ano de 2011 como o Ano Europeu das Actividades de Voluntariado em prol de uma cidadania activa, fixando como principais objectivos:

1. Reduzir os obstáculos ao voluntariado na União Europeia;
2. Fornecer os meios às organizações de voluntários;
3. Melhorar a qualidade do voluntariado;
4. Recompensar e reconhecer o trabalho voluntário;
5. Sensibilizar as pessoas para o valor e a importância do voluntariado.

04



Fabrice Demoulin

Projecto Saúde Móvel



Fabrice Demoulin

Projecto Saúde Pa Nos Bairro



Uma fuga ao Individualismo

Florbela Cordeiro,
Coordenadora de Recursos Humanos (RH) e Voluntariado de MdM

TESTEMUNHO

Estamos perante uma das figuras mais emblemáticas de MdM. A partir da sede da representação portuguesa – onde é carinhosamente apelidada de Flor – gere uma considerável «carteira» de voluntários e, dia após dia, continua a acreditar que o papel do voluntariado na sociedade é de “uma importância vital. Por um lado, acompanha o evoluir das sociedades, cada vez mais complexas e, por outro, funciona como um elemento de humanização da mesma. O voluntário pode e deve ser entendido como uma fuga ao individualismo, um acto de profunda solidariedade para com o outro”. Por isso mesmo, sendo 2011 o Ano Europeu do Voluntariado por excelência, a colaboradora de MdM espera que se assista “à valorização e ao reconhecimento do trabalho voluntário e também à sensibilização das pessoas para a importância do mesmo. Com a mobilização de instituições, públicas e privadas, de figuras públicas e com o envolvimento dos meios de comunicação social, quem sabe se consiga chegar àqueles que não têm ainda como prática o exercício da cidadania através desta prática”. E para quem pensa que apenas quem possui formação académica na área da Saúde pode ser voluntário em MdM, desengane-se, pois “apesar de esta ser sempre bem-vinda, já que é consonante com a nossa vertente de actuação, qualquer pessoa pode ser voluntária na nossa organização. Não existem quaisquer entraves quanto a idade, género e outros. Obviamente que nem todos os que nos procuram são imediatamente integrados, pelo que terão que aguardar por uma vaga. Há que considerar também os factores disponibilidade e a própria necessidade de determinado projecto”, esclarece Flor, acrescentando que “desde a génese de MdM, foi mediante voluntários que alguns dos nossos projectos tiveram início e é também com o seu apoio e empenho que os actuais projectos contam”.

Em jeito de conclusão, Florbela Cordeiro deixa um apelo: “se algum dia pensou em fazer voluntariado, mas tem um horário muito preenchido, pode sempre começar por fazê-lo junto do seu núcleo mais chegado; um familiar que precise de companhia ou até que lhe execute tarefas que ele já não consegue. Posteriormente, procure instituições que detenham programas de voluntariado e poderá fazê-lo a nível nacional e, mais tarde, quiçá, embarcar num avião até a um lugar distante. No entanto, terá que ter sempre em conta que o exercício do voluntariado é uma prática de cidadania e, quando a motivação é ajudar, terá sempre que passar pelo respeito pelo outro e pela diferença que este inevitavelmente acarreta”. Certo é que, neste sentido, quem recorre a MdM, fá-lo como “forma de ocupar o tempo ou encara como uma forma de ajuda ao próximo. Existem ainda aquelas pessoas que não se sentem preenchidas no exercício das suas profissões e que necessitam, por isso, de um contacto mais próximo com uma realidade diferente. Regra geral, vêm sempre com um brilho nos olhos e com muita vontade de fazer a diferença”, revela a Coordenadora de Voluntariado e RH de MdM, colmatando com “No Sta Junto!”, que é como quem diz, em crioulo guineense: “Nós Estamos Juntos!”.



Na Primeira Pessoa

“A minha relação com Médicos do Mundo começou no final de 2002, como voluntária do projecto Noite Saudável, actualmente denominado de Saúde Móvel. Mais tarde, como Coordenadora de Voluntariado e de RH passei a ter um contacto mais próximo com as pessoas que partiam para os países onde desenvolvemos projectos, nomeadamente São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Moçambique, Angola e Timor-Leste, para além dos projectos de emergência, no Iraque, no Sri Lanka e outros... Começou a ganhar forma a ideia de que era altura de também eu ir fazer voluntariado nos Projectos Internacionais de MdM. Escolhi a Guiné por, de entre os países em que a representação lusa opera, ser o mais pobre e porque tinha que começar por algum sítio... Chegada a África, outra realidade, outros constrangimentos, mas muita força de vontade. Percorri várias tabancas (aldeias) onde contamos com dois projectos: o PIASHEB (Projecto Integrado de Água, Saneamento e Higiene em Escolas da Região de Biombo) e o “Tadja Bubida” (Protege a Tua Vida), que se dedica à prevenção e ao combate do VIH/Sida. São gentes, cheiros, sons, cores, sabores e imagens que jamais se acabarão. Foram dias muito importantes; passei a relativizar algumas das situações que vivencio e a ponderar acerca daquilo que me move. Bem que as pessoas que tinham passado pela mesma experiência que eu e regressavam me diziam que era difícil adaptarem-se à azáfama ocidental, mas agora posso confirmá-lo”.



MdM na Guiné-Bissau



Fernanda Freitas

Jornalista e Presidente do Ano Europeu do Voluntariado

ENTREVISTA—

“Quem quer fazer arranja maneira, quem não quer arranja desculpas” é o mote para o Ano Europeu do Voluntariado, no entender da sua presidente. Em entrevista à FACE, Fernanda Freitas deixou vinculados os argumentos porque acredita que é possível envolver mais os portugueses em iniciativas desta índole.

Na qualidade de presidente para o Ano Europeu do Voluntariado em Portugal, o que significa para si ser voluntária, neste momento?

Gostava de lhe responder a essa questão daqui a um ano... Sinto que o povo português é generoso e muito dado a acções de solidariedade, mas de forma pontual – como se mobilizaram, por exemplo, pelo Haiti, Madeira ou Timor-Leste. Queremos, este ano, sensibilizar que são precisas estas acções quase todos os dias. Não pretendemos que, de repente, as pessoas possam ser voluntárias permanentemente, mas que, com compromisso, criem um hábito de voluntariado. Uso muito este exemplo quando vou a escolas: perante uma senhora que, com dificuldade, atravessa a rua com uns sacos de compras, todos ajudamos. Mas, o desafio é que assumamos junto da senhora que em determinados dias estamos ali para a ajudar. Portanto, o voluntário é alguém que está ali num determinado dia a executar uma tarefa, que não pretende substituir um profissional, ajudando a instituição naquilo que for preciso, sabendo até onde pode ir. Daí a mais-valia da formação dos voluntários. A verdade é que tenho notado que há um grande número de pessoas que quer voluntária e não sabe como o pode fazer. No fim de contas, o nosso objectivo é que, realmente, daqui a um ano, concluamos que mobilizámos mais pessoas e que lhes demos as ferramentas certas, nomeadamente através das mostras de voluntariado que existirão por todo o país.

As ONG acabam por ter um papel importante na aproximação com a comunidade...

Sem dúvida. E têm de conseguir saber responder e encaminhar os voluntários que se propõem. Recebo imensas queixas de gente que se inscreveu em ONG há dezoito meses e não obteve resposta. Pelo menos que digam que não precisam de ajuda naquele mo-

“Às vezes, confunde-se a acção social com o ser caridoso e dar algum dinheiro. Se somos tão solidários, damos o melhor de nós, devendo ter orgulho em ajudar os outros”

06



Fernanda Freitas no cenário de “Sociedade Civil”, programa da RTP2 do qual é a anfitriã



Conferência “Determinantes no Acesso aos Cuidados de Saúde”, organizada por MdM

mento! Por isso sugiro que utilizem a bolsa de voluntariado que foi criada, onde existe um *networking* que considero que funciona. Quem quer ser voluntário também não deve desistir e procurar onde o pode ser. Às vezes confunde-se a acção social com o ser caridoso e dar algum dinheiro. Se somos tão solidários, damos o melhor de nós, devendo ter orgulho em ajudar os outros. Temos de ser felizes por ajudar e fugir de uma certa culpabilização que existe se não ajudarmos (quase em jeito de castigo divino). A melhoria deste tipo de conduta passa pelas escolas, que têm desenvolvido exercícios espantosos de cidadania. Porque ser um cidadão activo aprende-se (e daqui vai o meu agradecimento aos professores que têm desenvolvido um trabalho fora de horas, como voluntários). Para estas acções terem sucesso, basta, por vezes, uma conversa informal. Desafiei as escolas que conheço mais de perto a fazerem acções de pré-voluntariado e é incrível o que produziram em cerca de três meses. A área da Saúde, em especial de quem actua junto de populações carenciadas, continua a ser das que necessita de mais voluntários.

Qual a melhor forma de “vender” o voluntariado para estas iniciativas tão específicas?

Algo que aprendi enquanto voluntária foi a respeitar ainda mais a acção dos profissionais de saúde. Não podemos levar a mal que o menino ao qual líamos a história nesse dia se ausente para fazer um exame até porque, por outro lado, ficam lá os pais caso pretendamos continuar com o trabalho. Às vezes, o meu voluntariado resume-se tão simplesmente a ouvir os pais ou falar de histórias da minha vida. Sinto que pelo facto de ser uma pessoa conhecida e também por ser mãe se quebra uma barreira de comunicação com os pais. Noto essa confiança. Contagio as pessoas pela minha genica. A minha frase para este ano é: “quem quer fazer arranja maneira, quem não quer arranja desculpas”. E é possível fazer voluntariado em tantas áreas, para além da saúde: desporto, cultura, animação sócio-recreativa, etc.

No seu entender, qual o papel das ONG, como Médicos do Mundo, no capítulo da mobilização do voluntariado?

Para já, é um erro comum as pessoas pensarem que só os médicos e técnicos de

saúde podem realizar voluntariado na área da Saúde. Com as nossas competências pessoais podemos ajudar nesta área específica. Acho que as pessoas devem deixar de ter a arrogância de estar nesta vida a acharem que conseguem tudo sozinhas ou simplesmente com o seu dinheiro. Todos nós chegamos ao dia em que ficamos mais debilitados e vamos precisar dos outros. Digo-o com conhecimento de causa, pois mudei a minha postura em relação aos outros: nunca pedia ajuda para nada.

Ao longo de 2011, todas as capitais de distrito terão “A Volta do Voluntariado”. O que nos pode adiantar quanto aos objectivos desta ambiciosa iniciativa?

A UE, ao designar o ano europeu, apenas solicitou a cada país que, na sua capital, recebesse uma semana que fosse uma mostra de voluntariado. Acontece que não nos contentámos com a iniciativa em Lisboa e lançámos o desafio a todas as ONG que estão no terreno, autarquias, freguesias e à rede Europe Direct de fazerem uma mini-réplica deste evento em todas as capitais de distrito. Até estamos a abrir o âmbito geográfico, pois toda a gente quer aderir.



Hugo Amaral

Já lá vão cinco anos de antena e “Sociedade Civil” tem visto os seus conteúdos consecutivamente premiados



Fabrice Demoulin

A jornalista aceitou o convite de MdM para ser a moderadora da conferência “Determinantes no Acesso aos Cuidados de Saúde”

Gentil Martins

Médico

ENTREVISTA—

É conhecida a posição de António Gentil Martins contra o acesso gratuito à saúde. O reputado cirurgião propõe uma revisão da estratégia para o sector, dos valores da sociedade e apela ao voluntariado.

Na sua opinião, qual é o papel das ONG no actual sistema de saúde?

No fundo, têm um papel de humanizar tudo. Mais do que tecnologia, falta muitas vezes solidariedade e simpatia. Em Portugal, teoricamente, onde existe um Sistema Nacional de Saúde (SNS) que dá tudo a toda a gente, as ONG como Médicos do Mundo dão, sobretudo, apoio moral e psicológico. O mesmo já não acontece no exterior, nos países em vias de desenvolvimento – onde, realmente, não há condições nenhuma. Aí, os técnicos das ONG têm um papel fundamental, no terreno. Claro que a sua acção representa apenas uma gota de água e os problemas não vão ser resolvidos. Mas é uma ajuda concreta. O problema é que, em Portugal, existem leis óptimas mas que não se cumprem. Somos um país do “faz de conta”. Digo isto porque quem não cumpre também não é responsabilizado. A justiça não funciona nos tribunais nem nas organizações

(a partir do momento em que dificultam o trabalho de quem queira corrigir algum procedimento). Não apoio a pena de morte, mas a prisão perpétua para determinadas situações. Um indivíduo que, em plena consciência, mate outro a torturá-lo, não tem o direito de viver em sociedade. E não é com acesso a Playstation e boa comida, mas trabalhando para a sociedade. Este é o castigo para quem é anti-social e anti-humano. Nunca deve sair da prisão ao fim de alguns anos só porque entretanto se portou bem. Temos de ser mais rigorosos e drásticos acerca disto. Como tal, as leis têm de ser mais simples. Qual é o interesse em ter tantas leis se depois não são exequíveis?

Principalmente, porque atravessamos tempos de crise, é importante debater e mobilizar a sociedade para o voluntariado?

Sem dúvida. É importante que cada um perceba qual poderá ser a sua utilidade. As pessoas só se dedicam a alguma coisa, com algum sacrifício, se tiverem a noção de que estão a ser úteis. Portanto, temos de tentar fazer ver às pessoas a utilidade do seu trabalho enquanto voluntários.

“É importante que se debata e mobilize a sociedade para o voluntariado e que cada um perceba a sua utilidade. Só assim as pessoas se dedicam alguma coisa, com continuidade e sob regras”



Arquivo MdM

Doutor António Gentil Martins: uma vida dedicada a causas

E que este tem de possuir alguma continuidade e ser composto por algumas regras. Não pode ser só a caridadezinha! As pessoas que trabalham imenso poderão ter pouco tempo para o voluntariado mas, quem nada faz, deveria sentir uma obrigação estrita de ajudar os outros. Penso que o voluntariado, neste momento, não vale tanto pelo dinheiro mas pelo calor humano que pode ser dado. Por exemplo, um idoso que não tenha capacidade económica para pagar a uma enfermeira que o possa assistir todos os dias, precisa com certeza de um voluntário, que não estará a tirar o trabalho a um profissional. Em fases de crise económica, este tipo de trabalho é muito mais importante porque vai suprir coisas que o dinheiro não paga. Não é que o profissional não deva ser remunerado pelo que faz, mas temos de ver o outro lado da questão e tentar conciliar os que não têm hipótese com os que podem pagar bem pelos seus serviços médicos. É preciso criar um espírito de entreatajuda e que quem ajuda se sintam bem em fazê-lo. Por outro lado, é preciso mostrar reconhecimento a quem ajuda. Como médico, não há nada de mais agradável do que vir um doente agradecer-nos – não porque tenhamos feito algo de especial (até porque aqueles a quem fizemos menos são os que mais agradecem). Isto é de um extremo consolo. Portanto, acho que há toda a vantagem em educarmos a população para saber ajudar os outros, mas estes também para saberem reconhecer que foram ajudados. Porque, assim, quem ajudou estará disponível para continuar com este trabalho. Isto prende-se com a educação e com o ambiente em que a pessoa vive. As famílias estão a ser destruídas. Quando é precisamente aqui que, perante este espírito de amor e comunhão, se criam os valores da afectividade que se podem transmitir para fora. Por isso, temos de defender os valores da família e o respeito pelos outros, de modo a que as pessoas se sintam bem entreatajudando-se.

Em concreto, onde tem desenvolvido acções de voluntariado?

Comecei a fazer voluntariado quando era criança. A minha mãe foi voluntária por mais de cinquenta anos na Liga Portuguesa Contra o Cancro e também foi voluntária na Cáritas Portuguesa. E, com mais assiduidade, a partir dos tempos do liceu comecei a ajudar a minha mãe nestas acções. Depois, fui para Inglaterra e quando regresssei, após ter desempenhado funções de diferente índole, acabo por realizar trabalho voluntário junto de várias organizações às quais venho pertencendo, como: o Cavitop - Centro de Apoio a Vítimas de Tortura, a Acreditar - Associação de Pais e Amigos das Crianças com Cancro, sou do conselho consultivo da Raríssimas - Associação Nacional de Deficiências Mentais e Raras ou da CNAF - Confederação Nacional das Associações de Família.

Esse valor do voluntariado que herdou acaba por lhe dar uma perspectiva diferente...

Considero que sim porque me deu uma noção da necessidade de nos ajudarmos uns aos outros – que, no fundo, é o voluntariado. À medida que fui crescendo, fui voluntariamente integrando várias organizações – e mesmo como amador, no caso da Associação de Atletas Olímpicos – sempre com uma noção que não necessitamos de ser remunerados por tudo aquilo que fazemos. Devemos ter a consciência tranquila de que estamos a ajudar os outros. Aliás, considero até que é nossa obrigação. Não temos só direitos... No fundo, o voluntariado sempre foi para mim um dever e algo que dava uma certa satisfação e tranquilidade por estar a contribuir com algo que deve ser feito.

Sobre os eventuais cortes na área da Saúde, em que medida podem estes dificultar a tarefa das ONG?

Os cortes na Saúde estão errados pela formulação global do sistema. Todos temos de contribuir de acordo com o que podemos. Para quem está desempregado deve ser o Estado a pagar o prémio de seguro. Antes do 25 de Abril descontava-se do ordenado 3,5% para a Caixa de Previdência e Segurança Social. Portanto, havia um desconto proporcional à capacidade de cada um. E os impostos deveriam seguir a mesma lógica. O básico para toda a gente é indispensável, tal como ter acesso à comida. No outro dia, escrevi uma carta ao Dr. António Arnault, referindo-lhe, jocosamente, que antes de propor o serviço nacional de saúde gratuito se criasse um serviço nacional de alimentação gratuito. Porque só adoce quem está vivo! Por outro lado, não aceito que os indivíduos que recebem o subsídio de inserção não façam nada, quando há imenso trabalho comunitário por realizar. Sou contra o dinheiro de borla! O ideal seria que todos tivessem o direito ao trabalho. Mas não devemos receber todos o mesmo, pois há quem trabalhe mais que outros. E nesse sentido, quem tem mais, deve ser solidário e dar a quem não tem.

“As pessoas que trabalham imenso poderão ter pouco tempo para o voluntariado mas, quem nada faz, deveria sentir uma obrigação estrita de ajudar os outros”

09



Sabia que...

O Doutor Gentil Martins foi dos primeiros profissionais de saúde a assinar a Declaração Europeia dos Profissionais de Saúde Para Um Acesso Não Discriminatório Aos Cuidados de Saúde?

A sua contribuição ocorreu aquando da conferência “Determinantes no Acesso aos Cuidados de Saúde”, iniciativa sob a chancela de MdM, levada a cabo em Dezembro de 2010.

Acção de Médicos do Mundo

ACTUALIDADE

Projectos Nacionais

Mesmo em Crise, Solidariedade é Connosco!

Portugal destaca-se à Europa em garantir o acesso à saúde para os (i)migrantes indocumentados em território nacional e europeu.

Muitos foram aqueles que acederam ao apelo de Médicos do Mundo, subscrivendo a Declaração Europeia dos Profissionais de Saúde para um Acesso Não Discriminatório aos Cuidados de Saúde. Portugal somou 124 assinaturas individuais, juntando a estas a subscrição da Ordem dos Enfermeiros (62.566 membros), do Permanent Working Group of European Junior Doctors (no nosso país sob a alçada da Ordem dos Médicos) e da Eurodeputada Dra. Edite Estrela. Lucram os beneficiários desta missão.

Segundo Rita Aleixo, Coordenadora deste projecto de Médicos do Mundo (até Março de 2011), o HUMA “é, sobretudo, um projecto de advocacia. Pretende promover o acesso igualitário aos serviços de saúde por parte dos (i)migrantes indocumentados e requerentes de asilo, por toda a Europa”. Este projecto foi criado pela rede de Médicos do Mundo e, através dos 16 países onde está representada – onde se inclui Portugal – pretende combater as desigualdades no acesso aos cuidados de saúde.

A propósito da Declaração Europeia, a coordenadora acrescenta: “de uma forma simplista, a declaração acabou por ser um manifesto dos profissionais de saúde. Foi assinada especificamente por estes, enquanto afirmação do direito que todas as pessoas têm no acesso aos cuidados básicos de saúde em cada país europeu”. Fiquemos, então, com as metas europeias alcançadas: 7600 assinaturas individuais, 141 de organizações europeias de Saúde e 131 de associações de Saúde.

Para mais informações, por favor, aceda: www.medicosdomundo.pt e <http://www.huma-network.org>



Rita Aleixo é Coordenadora do projecto Saúde Pa Nos Bairro

Saúde Pa Nos Bairro

Decorrendo há dois anos no concelho de Loures, este projecto tem como objetivos aumentar o acesso aos cuidados primários de saúde por parte da população migrante e minorias étnicas, promovendo a adopção de atitudes e comportamentos saudáveis face a: Sida, Tuberculose e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Intervém em quatro bairros sociais de génese ilegal: Quinta da Serra, Quinta da Fonte, Zambujal e Camarate, tendo como estratégia a aposta numa abordagem de proximidade junto da comunidade e no estabelecimento de parcerias com entidades de referência e associações de base local.

O projecto em números (2.º ano do Projecto - Setembro de 2009 a Agosto 2010):

- 1366 consultas de Cuidados Primários de Saúde;
- 6 encaminhamentos para instituições do SNS e 31 para instituições de apoio social;
- 3 acções de sensibilização e informação para a saúde;
- 9374 preservativos distribuídos;
- 1104 materiais de informação distribuídos;
- 2 actividades lúdico recreativas nos bairros;
- Despiste de casos de risco e encaminhamento para o teste do VIH/SIDA (nas consultas).



Quinta da Serra: bairro social de génese ilegal beneficiário da acção de MDM

Enfermeiro Armando Janeiro 2011

“Integro a equipa técnica do projecto Saúde Pa Nos Bairro. Todos os dias da semana estou nos bairros. Comecei em MdM em 2007, com um *part-time* de quinze dias – porque, na altura, tinha outro trabalho. Mais tarde, surgiu uma vaga e fui aceite. Estou em Portugal desde 1997 e sinto que o trabalho que faço é muito gratificante porque é uma extensão do que fazia junto da comunidade na Guiné-Bissau, de onde sou oriundo. Sinto que a minha origem também facilita a comunicação e aceitação junto dos utentes africanos. Falo crioulo, o que me permite perceber cabo-verdianos e guineenses. A equipa tem, também, valências a nível social e cultural, o que nos permite intervir junto da população para além da saúde. Portanto, acabamos por ajudar em todos os aspectos da vida das pessoas, mesmo os socioeconómicos e alimentares. No que concerne à intervenção de MdM em termos de saúde, para entrar nestas comunidades e ganhar a sua confiança, para sermos identificados como um deles, não pode haver diferença no trato. No centro de saúde nem sempre é assim”.



Enfermeiro Armando e Rita Aleixo no terreno

Projecto Sementes contou com donativo de brinquedos da Escola de Judo Nuno Delgado

O passado Natal teve um espírito diferente. Decorria o dia 20 de Dezembro e toda a equipa do Sementes pôs mãos à obra para proporcionar um ambiente acolhedor e mágico aos seus beneficiários.

Com algumas semanas de antecedência, programaram-se: karaoke, peça de teatro, visita de um grupo de teatro, fotos de actividades decorridas ao longo do ano, filmes de Natal, um grande banquete e, por fim, a distribuição de brinquedos.

Naquele dia, a Casa da Juventude - espaço sede do projecto (no Beato) - estava repleta de gente. Entre crianças, jovens e adultos, foram cerca de 70 pessoas que compareceram a este convívio.

Os brinquedos distribuídos no final do evento, que contribuíram para gerar sorrisos nas crianças do projecto Sementes, foram um contributo dos jovens alunos da Escola de Judo Nuno Delgado (www.nunodelgado.net). Os brinquedos angariados foram, ao todo, distribuídos a 40 crianças e jovens dos seis aos 14 anos, que frequentam actividades dos projectos Sementes e Saúde Pa Nos Bairro.

Este convívio contou com o apoio dos Karatecas do Judo, do Grupo de Teatro Disparte e de todos os elementos da comunidade local que se uniram para ajudar a preparar as iguarias e a festa.



Nuno Delgado tornou mágico o Natal das crianças e jovens dos projectos Sementes e Saúde Pa Nos Bairro

Acção de Médicos do Mundo

ACTUALIDADE

Projectos Internacionais



Ana Luísa Trindade (Coordenadora - Guiné-Bissau até Outubro de 2010)

Que novos projectos, financiadores e parcerias gostaria de destacar?

Uma das principais ligações fortes que acabámos por conseguir foi com o Secretariado Nacional de Luta Contra a SIDA (que são financiados pelo Fundo Global). Aproximámo-nos imenso porque para eles a nossa opinião é muito importante. Também gostaria de destacar a recente parceria com a UNICEF e com o Ministério da Saúde (que, tal como a União Europeia, fazem questão que estejamos presentes em reuniões para concursos muito específicos, pois consideram que temos o potencial desejado para ganhá-los).

Portanto, perspectiva-se um crescimento da abrangência de MdM neste país. Quais as áreas onde falta intervir?

Refiro, antes de mais, uma área que me é muito querida: a materno-infantil. A Guiné Bissau regista a terceira maior taxa de mortalidade desta população. Temos em carteira um projecto que não chegámos a apresentar para a área, para o qual falta encontrar financiador. Sinto que este tem todo o potencial para ser bem sucedido. Por incrível que pareça, há muito projectos dedicados aos vários cuidados primários de saúde, mas não direccionados para acompanhar todo o processo (que vai desde o planeamento familiar, parto, pós-parto, até ao período de vigilância da criança). A questão cultural acaba por balizar imenso os procedimentos. Daí que ambos os projectos que desenvolvemos façam imenso sentido, pois focam-se na mudança de comportamentos. É evidente que existem enormes carências ao nível de infra-estruturas. Um dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio está completamente esquecido neste país: apesar de existirem relatórios que referem que houve melhorias, continuam a existir casos atrozos de mulheres que dão à luz e morrem em casa porque se esvaem em sangue, por falta de assistência, já que só o homem, o marido, pode dar autorização para a mulher ir para o hospital.



Andreia Oliveira (Coordenadora Interina - Moçambique até Novembro de 2010)

Quais são as perspectivas para novos projectos financiados?

Agora, somos sub-recipientes do Fundo Global, que funciona com propostas a nível nacional. Um país apresenta uma proposta, a qual é constituída por ministérios da saúde e sociedade civil. Como instrutora da sociedade civil temos um recipiente principal, uma ONG que fica responsável pela articulação de todos os outros e depois os sub-recipientes. MdM ficou sub-recipiente para o norte de Moçambique. Portanto, para além de Nampula e Ilha, com este financiamento, vamos para Monapo e Mossuril (que são distritos muito próximos e vastos na província de Nampula). Os nossos projectos terão a duração de cinco anos e serão não só dedicados ao VIH/SIDA como também à malária. A candidatura já foi aprovada e agora é só uma questão de arrancar.

Acção de Médicos do Mundo

ACTUALIDADE

Projectos Internacionais

Por Maria Sacchetti (Coordenadora de Projectos Internacionais)

Nova linha de intervenção em São Tomé e Príncipe (STP)

A delegação portuguesa de Médicos do Mundo iniciou em Fevereiro de 2010 uma nova etapa na cooperação para o desenvolvimento em STP, com dois novos projectos: o Saber é Poder e o Viver Positivo. O projecto Saber é Poder insere-se na área da saúde sexual e reprodutiva e tem como objectivo geral a redução da percentagem de gravidez precoce, aumentando o acesso e o uso de meios de planeamento familiar. De acordo com o diagnóstico levado a cabo pelo Instituto do Género de São Tomé e Príncipe sobre a problemática da gravidez e paternidade precoces, apesar das numerosas iniciativas desenvolvidas pelo Sistema de Saúde e pelo Ministério da Educação em matéria de saúde sexual reprodutiva, com apoio de parceiros, os casos de gravidez em adolescentes não têm conhecido uma redução significativa, com uma taxa de incidência média de 7,6% entre 2004 e 2008. O projecto será financiado pela Comissão Europeia, e irá abranger todos os distritos do país, durante um período de três anos. Por seu lado, Viver Positivo é um projecto de apoio

psicossocial a pessoas que vivem com VIH/SIDA. O número de infectados situa-se entre 3925 e 7825, isto é, cerca de 2 a 5% da população (Inquérito Demográfico e Sanitário, 2008). Na sua grande maioria, estas pessoas não estão conscientes da sua situação, o que as impede de procurar algum tipo de tratamento ou atenção, assim como mudar os comportamentos que podem colocá-las a elas próprias em risco e expor terceiros, como é o caso dos seus parceiros sexuais, ao contágio de (novas) infecções. Este novo projecto dará continuidade ao trabalho de MdM no país que, desde 2003, investe fortemente na vertente de prevenção primária da epidemia através de acções direccionadas para a mudança de comportamentos, nomeadamente, através da abertura do primeiro Gabinete de Aconselhamento e Testagem Voluntária (GATV) para o VIH/SIDA. Em parceria com o Programa Nacional da Luta Contra a Sida, criámos também uma associação constituída por portadores de VIH/SIDA PVHS), no fundo, um grupo de apoio. Tendo o Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD) como principal financiador, o projecto terá a duração de dois anos, abrangendo todos os distritos.



Enfermeira Maria Sacchetti com duas crianças locais

Arquivo MdM

13



Acções de (in)formação e sensibilização levada a cabo junto da comunidade local por activistas MdM

Arquivo MdM



Arquivo MdM

Temas Positivos

Responsabilidade Social, Comércio Justo, Contextualização e Agenda

RESPONSABILIDADE
SOCIAL

a) Entrevista GRACE: Maria da Conceição Zagalo

Sente que este Ano Europeu do Voluntariado poderá trazer maior receptividade à Responsabilidade Social (RS)?

Claro que sim. Temos vindo a perceber junto dos associados que a necessidade de adesão a programas e a iniciativas que não estejam necessariamente formatadas à realidade empresarial tradicional é cada vez mais um factor de satisfação. Como grupo de reflexão que somos, começámos por debater internamente estes temas na sua essência – a RS, a sustentabilidade e a cidadania empresarial. Em seguida, projectámos os diversos eixos da cidadania empresarial e o seu impacto no tecido empresarial nacional. Até que, evoluindo, sentimos a necessidade de poder acompanhar essas discussões com a introdução de manuais, que descrevem as mais-valias do voluntariado para uma empresa. Achámos que, mais do que falar ou escrever, importava demonstrar essas valências. O passo seguinte foi a nossa primeira grande acção de voluntariado: o GIRO (isto é, GRACE – Integrar, recuperar e organizar). Uma das grandes propostas é actualizar os números do voluntariado em Portugal. Será encomendado um estudo académico e este será um dos maiores desafios do Ano Europeu do Voluntariado (AEV): fazer o retrato real do sector no nosso país, incluindo o que funcionou bem e menos bem nos Bancos Locais de Voluntariado.



GRACE

Maria da Conceição Zagalo: presidente do GRACE (Grupo de Reflexão e Apoio à Cidadania Empresarial)

b) Responsabilidade Social Empresarial (RSE) e Comércio Justo

Na origem do conceito de Responsabilidade Social (RS) estão as grandes mudanças industriais. O desenvolvimento tecnológico, que tantas vantagens trouxe à sociedade actual, acarretou consigo um sem número de consequências que, a longo-prazo, são prejudiciais ao ser humano. Surgem então novas preocupações sobre a necessidade de se verificar um progresso sustentado.

No nosso país existem actualmente associações que versam esta temática. Entre elas estão o GRACE (Grupo de Reflexão e Apoio à Cidadania Empresarial), uma organização com diversas iniciativas, entre as quais destacamos o GIRO – um programa que passa pela criação e até requalificação dos espaços comunitários em zonas socialmente deprimidas, e o Prémio RSE atribuído às melhores ideias referentes a RS.

A RS defende também que os objectivos das empresas não podem passar apenas pela maximização do lucro. Os que apostam nesta forma de organização acabam por não estar familiarizados com um outro fenómeno relativo ao desenvolvimento sustentável: o comércio justo. Este é definido como um movimento que favorece o estabelecimento de uma parceria entre o consumidor e o produtor para que o primeiro ultrapasse as dificuldades de acesso inerentes ao mercado actual. Promover a protecção do ambiente, a segurança económica, a equidade social e a melhoria das condições de vida dos pequenos produtores são os seus principais objectivos.



c) Exposição sobre Comércio Responsável da Oikos

Inserida no âmbito do Projecto Mostra ODM (Objectivos de Desenvolvimento do Milénio) – Cenários de Futuro, a exposição “Comércio Responsável” esteve até 2 de Fevereiro de 2011 na Escola Secundária de Gama Barros, no Cacém. Desde esta data, a mesma está disponível para requisição na Oikos por escolas, instituições ou autarquias. A nível internacional, a mesma organização desenvolve outro projecto no Peru, que dinamiza o comércio justo com plantações de banana orgânica.



Última hora...

Médicos do Mundo acaba de estabelecer uma nova parceria, desta feita, com a DECISÕES E SOLUÇÕES. Trata-se de uma empresa de consultadoria financeira de dimensão nacional e internacional, líder no seu segmento de negócio em Portugal, e especializada num serviço personalizado e independente de aconselhamento financeiro, a particulares e empresas, em operações de crédito bancário e seguros. Assim, nos processos de crédito à habitação tutelados por estes consultores financeiros, parte dos honorários reverterá a favor dos projectos de MDM. Aceda a informação adicional sobre esta empresa em: www.decisoeseolucoes.com



DECISÕES E SOLUÇÕES
CONSULTORES FINANCEIROS

Voluntariado

RESPONSABILIDADE
SOCIAL

Junte-se a nós!

Quer ser voluntário em Médicos do Mundo? Saiba como...

Todos aqueles que estejam interessados em fazer voluntariado com Médicos do Mundo podem fazê-lo da seguintes formas:

- Preencher o formulário disponível no site www.medicosdomundo.pt;
- Solicitar uma entrevista com o coordenador de voluntariado e preencher o formulário em papel;
- Responder a uma vaga publicada no site ou noutra meio de comunicação.

Em todos os casos, os dados do potencial voluntário são integrados numa base de dados. Esta é utilizada sempre que necessitamos de apoio para um projecto ou actividade. Os voluntários que se inscrevem serão convidados a participar numa sessão de esclarecimento sobre voluntariado em MdM (nas primeiras quintas-feiras de cada mês), onde se apresenta a Organização, os objetivos e os projectos. **As áreas onde se podem desenvolver actividades de voluntariado em MdM de forma regular e/ou pontual são as seguintes:** projectos internacionais, emergência humanitária, projectos nacionais, apoio administrativo e acções de comunicação, marketing e captação de fundos.

O que oferecemos a quem faz voluntariado em Médicos do Mundo?

* A possibilidade de apoiar acções concretas que os projectos de MdM desenvolvem na ajuda às populações mais carenciadas;

* A realização de acções de formação sobre temas técnicos e operativos ligados ao trabalho humanitário;

* A oportunidade de testemunhar sobre o seu trabalho voluntário nos meios de comunicação da Associação (revista, internet e afins) e noutras meios de Comunicação Social.

O que esperamos do voluntário?

* Que execute o seu trabalho de forma responsável e autónoma;

* Tenha iniciativa própria;

* Participe activamente na vida do projecto/actividade no qual está inserido;

* Seja aberto e respeite a população com que trabalha!

As nossas Boas Práticas...

Lúis Raposo (Voluntário de MdM):



Voluntariado e ONG: duas realidades relacionadas

"Tenho participado como voluntário em vários projectos e, conseqüentemente, em várias causas, o que me tem permitido observar e reflectir sobre o papel do voluntário e das ONG e concluir que meros conceitos se transformam em realidades, em entidades relacionadas, que podem ser díspares e complementares.

Longe vão os tempos, ou pelo menos quero acreditar, em que o voluntariado era apenas encarado como uma actividade exclusivamente altruísta e despojada de qualquer individualidade. Este erro no modo de entender o voluntariado afastou grande parte dos potenciais voluntários, intimidados pela suposta "candura" necessária para participarem nos projectos promovidos pelas ONG de então. No entanto, hoje o voluntariado acompanha a sociedade.

É democratizado (todos podem ser voluntários), globalizado (os projectos estão para além das fronteiras) e profissionalizado (competências pessoais e técnicas são uma preocupação e um requisito).

Há uma troca constante entre os voluntários e as ONG dado que se desenvolve uma dependência entre ambos, pela permuta constante e supressão de necessidades mútuas. Não é pois de estranhar que se façam processos de recrutamento rigorosos.

Quando me candidatou ou me convidam para integrar um projecto, como voluntário, penso sempre naquilo que lhe posso acrescentar, mas também no que me pode acrescentar a mim. Foi assim que, por exemplo, cheguei a São Tomé e Príncipe, integrado numa missão de combate à Cólera (e não sou médico). Pensei na oportunidade, desafio pessoal e profissional que seria assumir o cargo de Administrador de Projecto de uma equipa com cerca de 20 pessoas, tratar da logística, do 'reporting' estatístico, da execução orçamental, entre tantas outras coisas. Ganhei pessoalmente. Ganhei profissionalmente e cheguei a Portugal com várias competências técnicas que não tinha, pelo que considero que a minha participação foi também uma formação contínua, válida no meu presente e futuro profissional. Não me choca que um voluntário não participe numa actividade que considere não lhe acrescentar nada. Não terá certamente bons resultados na sua acção. Tive a sorte de encontrar em Médicos do Mundo uma ONG moderna, com a visão estratégica de saber que, para cada função, é necessário um perfil específico e que, cada voluntário, deve fazer o seu percurso para ir ao encontro das suas necessidades, enquadradas nos objectivos comuns. Só isso permite que os voluntários retirem dos projectos, pelo menos, a medida do que devem dar: o máximo. Assim, no seio de uma ONG podem existir muitos micro-projectos individuais desejáveis, desde que todos ganhem. Existe esse espaço plural. E é deste espaço que resulta o sucesso a vários níveis, de voluntários e ONG".



Equipa de MdM em plena acção comunitária

Arquivo MdM

Voluntariado

RESPONSABILIDADE
SOCIAL

Faz sentido e recomenda-se...



Daniel Sá Nogueira
(Líder Nacional de Desenvolvimento Pessoal)

Estamos em pleno Ano Europeu do Voluntariado. Como analisa esta questão no contexto nacional?

Em Dezembro, li num jornal que existe meio milhão de voluntários em Portugal. Isto foi algo que me espantou. Podendo não ser um número real, conheço muitas pessoas que são, de uma ou outra forma, voluntárias. Creio que o voluntariado está muito presente no nosso país. Sei que somos um povo que gosta de ajudar. Por exemplo, quando sugerimos algumas acções ao nosso público, sentimos que há adesão. Tomar a iniciativa ou manter o hábito de agir é que já se torna mais complicado. Regra geral, todos nós temos dificuldades em estabelecer rotinas - o que também se reflecte no voluntariado. O facto de existir um "turismo voluntário" já é um mega primeiro passo. Eu comecei a fazer voluntariado, há alguns anos, como "turista voluntário", devido à insistência de uma amiga. Este "bichinho" ficou, talvez porque na altura em que experimentei atravessasse uma fase da vida em que não tinha tantos compromissos de agenda como tenho hoje. Portanto, a partir daí, acabou por ser fácil tornar-me voluntário em várias instituições. Aliás, recomendo aos leitores que nunca fizeram voluntariado que o façam uma vez que seja, mesmo como turistas, pois nunca se sabe se não lhe tomam o gosto. Porque é algo de muito gratificante, sem dúvida!

Se pretende saber mais sobre o perfil e iniciativas deste jovem empreendedor, um "guru, astronauta, criativo, catalisador ou mesmo transformador" - como muitos o definem - visite a página da We Create (www.danielsanogueira.com) e tire as suas próprias conclusões.

Salvador Mendes de Almeida (Presidente da Associação Salvador)

Tendo em conta que o povo português costuma aderir a causas, qual é a sua perspectiva sobre o Ano Europeu do Voluntariado e a importância de ser voluntário nos dias de hoje?

Em primeiro lugar, depende da postura de cada voluntário. E, sem sombra de dúvida, depende também da forma como ele é tratado. A Associação Salvador tem já um conjunto de voluntários relativamente numeroso. Estes ajudam-nos em acções de prevenção rodoviária durante a noite, acções de sensibilização e em eventos vários - apoiando pessoas com mobilidade reduzida. Recentemente, lançámos um projecto de voluntariado que visa acompanhar quem está isolado e não consegue sair de casa. Além disso, preocupamo-nos em realizar um estudo que nos possibilite traçar um perfil do voluntário, consoante os seus gostos e aptidões, para que o possamos enquadrar melhor junto dos que precisam de ajuda. Deixo uma sugestão a quem nunca foi voluntário: para, pelo menos, experimentarem este ano - porque é uma emoção enorme e cria-se um gosto que vale a pena sentir. Só temos de saber gerir bem o nosso tempo. Todos temos o dever de dedicar o nosso tempo aos outros. Estas acções enriquecem-nos, seguramente.

A Associação Salvador, sem fins lucrativos, promove a solidariedade pelos interesses e direitos das pessoas com mobilidade reduzida. Conheça-a melhor em: www.associacaosalvador.com



Consciência Colectiva

**RESPONSABILIDADE
SOCIAL**

Histórias de Vida...



Lourdes Teixeira aplica regularmente o seu tempo e saber em prol de Médicos do Mundo. No decorrer do Ano Europeu do Voluntariado, conheça o testemunho desta voluntária e doadora assídua.

Em que áreas desenvolve o seu trabalho como voluntária?

Essencialmente, em Informática. Também já fui algumas vezes ao terreno, em concreto à iniciativa Jardins Vividos, em Oeiras. Mas a minha primeira missão foi acompanhar uma exposição de fotografia, na Assembleia da República.

Tenho tentado contribuir dentro da área administrativa, área para a qual me sinto mais vocacionada e na qual tenho mais prática, derivada da minha vida profissional. Ajudo em termos informáticos, ao nível de inserção de dados em bases de dados e também outras tarefas, tais como organização de arquivos.

No Jardins Vividos gostei particularmente de me sentir útil junto dos idosos. Muitos deles, mais do que o rastreio de saúde, recorriam a nós, sobretudo, pela companhia. Precisavam de alguém que os ouvisse.

Se fosse mais nova, talvez conseguisse organizar-me para experimentar o voluntariado nos projectos internacionais de MdM, pois sinto que podem ainda precisar de mais recursos do que os nacionais, mas agora já não consigo tal proeza.

Este é o ano europeu das actividades de voluntariado. Contudo, a área da Saúde continua a ser das que mobiliza menos pessoas. Quanto a si, por que razão?

Penso que é por falta de informação. Há muita curiosidade, mas pouca mobilização real. No meu entender porque escasseia a divulgação de ONG como MdM. Aos amigos que me perguntam, aconselho-os a inscreverem-se como voluntários e/ou doadores. Mas, deveriam existir outras formas de trazer à luz estas entidades. Outro factor que penso que pesa na maior falta de sucesso prende-se com o facto de as pessoas serem muito desconfiadas relativamente à forma como é aplicado o dinheiro que dão às ONG. Costumam perguntar-me se confio na forma como o dinheiro que dou é gasto. E eu respondo que confio plenamente. Aquilo que MdM faz é extremamente bonito, positivo e importante.

17

Médicos do Mundo lançou um repto – denominado de “Consciência Colectiva” – na sua página do Facebook. Fique a par das respostas ao nosso desafio...

1. O que já fez pelos outros?
2. O que ainda gostaria de fazer pelos outros?
3. Vai passar à acção a curto prazo? Como?



A



B



C

A | André Almeida Monteiro

1. Trabalho todos os dias enquanto enfermeiro e tento responder às necessidades dos outros... Estive seis meses na Guiné-Bissau e tentei fazer o máximo dentro do pouco que podia
2. Gostaria que os países sub-sarianos tivessem oportunidade de reflectir sobre o que realmente precisam e de como chegar lá... Gostava de estar presente e de os poder realmente ajudar a evoluir à sua maneira e à sua imagem.
3. Após investir mais na minha formação tenho que voltar a países em desenvolvimento para fazer um trabalho sério e sustentado, se possível em organizações nacionais, pensadas por locais e para locais. [<http://www.facebook.com/aamonteiro>]

B | Verónica Cruz

1. Dou o meu tempo livre ao Escutismo e também à distribuição de alimentos pelos mais carenciados.
2. Gostaria de fazer pelo menos uma missão em qualquer parte do Mundo.
3. Estou sempre em acção, olhando à minha volta e vendo quem precisa da minha ajuda, “Sempre alerta para servir!”. [<http://www.facebook.com/profile.php?id=1735278654>]

C | Clara Medeiros

- 1 - Sempre que me é solicitada ajuda respondo de forma activa!
- 2 - Tudo o que estiver ao meu alcance!!
- 3 - Estou sempre atenta ao que me rodeia. [<http://www.facebook.com/medeiros.clara>]



PIONEIROS EM ARTES GRÁFICAS
NA DEFESA DO MEIO
AMBIENTE
NA PROMOÇÃO DA
GESTÃO FLORESTAL
SUSTENTÁVEL





PORQUE AJUDAR É O MELHOR REMÉDIO

CAMPANHA FACE 2 FACE - O seu donativo apoia os 24 projectos que MdM mantém em Portugal e outros cinco países (Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste), apoiando um total de 268.777 beneficiários ao nível da prestação de cuidados de saúde. Fique atento à nossa equipa de angariadores de fundos e ajude-nos a ajudar quem mais precisa.

Saiba mais em www.medicosdomundo.pt



HAITI

UM ANO DEPOIS



LANCHE AIBB

Saiba mais em www.medicosdomundo.pt